



LEITURA RECOMENDADA

DOCUMENTOS DE IDENTIDADE:

A CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA HISTÓRICA EM
UM MUNDO GLOBALIZADO

MARIO CARRETERO

ARTMED, 2010

16x23cm

312p.

PAULO VISENTINI

O ensino da História tem implicações bastante complexas, as quais extrapolam amplamente a sala de aula. Se o estudo e a pesquisa histórica por especialistas (historiadores) constituem, em si mesmos, algo que é objeto de acirrada disputa política, imaginem o ensino da disciplina de História Nacional para milhões de crianças e adolescentes que formarão determinada imagem da nação e da sociedade em que vivem. Isso, aliás, envolve a própria formação de uma noção política global. Esse tema tão complexo é abordado em *Documentos de identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado* por Mario Carretero, acadêmico argentino radicado na Espanha.

Nessa acessível obra, os professores do ensino fundamental e médio encontram uma excelente ferramenta para compreender as características implícitas dos currículos (atuais ou passados) da disciplina de História para os jovens. O autor analisa os casos dos Estados Unidos, do México, da Argentina, da Espanha, da Alemanha e da Estônia, ex-integrante da extinta União Soviética. Além de analisar a capacidade perceptiva dos alunos por faixa etária, ele discute as implicações políticas e sociológicas dos currículos de História desses países em épocas diferentes – antes e depois da globalização.

A obra também analisa a disputa política que existe em torno da definição curricular, pois ela tem impacto direto sobre a formação de uma identidade nacional. Porém, as transformações políticas em curso criam problemas para o discurso historiográfico e para a própria

noção de identidade nacional. De acordo com a realidade vigente e o grupo político que está no poder, exigem-se profundas adaptações nos currículos escolares. Assim, o México, país nacionalista e antiamericano, ao ingressar no NAFTA, tem de promover uma releitura do seu passado e da relação com o poderoso vizinho do norte, apresentando-o de maneira mais positiva, o que implica reinterpretar completamente a História. O mesmo ocorre com relação a países que sofreram drásticas mudanças, como a Alemanha Oriental e a ex-República Soviética da Estônia.

No que se refere aos Estados Unidos, a obra apresenta uma interessante discussão sobre a proposta de mudança no ensino de História durante o governo Bush (filho). Há também os casos da Argentina e da Espanha, cuja transição de regimes autoritários para democráticos, de nacionalismos para a globalização, acompanhada da questão de uma identidade hispano-americana, criou enormes desafios para acomodar o discurso historiográfico. A própria ideia de identidade nacional, em tempos de globalização, implica um reordenamento cada vez mais difícil e gera uma crise epistemológica.

Enfim, trata-se de um livro empolgante e indispensável, uma reflexão preciosa sobre um tema tão complexo e polêmico como o ensino de História nas escolas.

● Paulo Visentini é historiador e professor de Relações Internacionais na UFRGS.

paulovi@ufrgs.br